

# O estudo da cor na criação de ambientes

## *The study of color creating environments*

Gabriele Cagnin, Paula Roberta Santana Rocha

Universidade de Rio Verde – UniRV

Faculdade de Design – Tecnologia em Design de Interiores

gabrielecagnin@gmail.com, paularocha@unirv.edu.br

**Resumo.** O presente trabalho tem por objetivo apresentar reflexões teóricas acerca do uso da cor na criação de ambientes de interiores, tendo como principais aportes teóricos trabalhos de autores como Farina, Perez e Bastos (2006), Guimarães (2000), Rousseau (1980) e Gurgel (2003). Busca-se compreender como os fenômenos cromáticos e os significados psicológicos e culturais são impactantes para o desenvolvimento de um projeto de interiores e a necessidade de um minucioso estudo dos esquemas de cores e de todos os outros elementos que compõem um ambiente. Como se sabe, a cor pode criar espaços, movimentos, equilíbrios, alterar o peso e o volume de objetos, aumentar ou diminuir a temperatura subjetiva de um ambiente, como também nossa percepção acerca do espaço que habitamos. Assim, a correta utilização das cores pode proporcionar conforto e bem-estar às pessoas que do ambiente fazem uso.

**Palavras-chave:** *cor, cultura, design de interiores.*

**Abstract.** *The present work aims to present theoretical reflections about the use of color in the creation of interior environments, having as a theoretical contribution works by Farina, Perez and Bastos (2006), Guimarães (2000), Rousseau (1980) and Gurgel (2003). It seeks to understand how color phenomena and psychological and cultural meanings are impacting for the development of an interior design and the need for a thorough study of color schemes and all other elements that will compose an environment. As we know, color can create spaces, movements, balances, change the weight and volume of objects, increase or decrease the subjective temperature of an environment, as well as our perception of the space we inhabit. Thus, the correct use of colors can provide comfort and well-being to those who use the environment.*

**Key words:** *color, culture, interior design.*

**Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística  
Edição Temática em Comunicação, Arquitetura e Design**

Vol. 7 no 2 – Março de 2019, São Paulo: Centro Universitário Senac  
ISSN 2179-474X

Portal da revista: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/>

E-mail: [revistaic@sp.senac.br](mailto:revistaic@sp.senac.br)

Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-Não Comercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/) 

## Introdução

*"Vivemos o mais colorido dos séculos de que se tem notícia" (MANCUSO, p. 113, 2015).*

A cor é um dos fenômenos mais impressionantes da natureza e é tomada como objeto de estudo em inúmeras disciplinas, cada qual com suas perspectivas e teoria própria acerca dos elementos do cromatismo. Do ponto de vista da psicologia, da comunicação, da arquitetura e do design a cor assume vários aspectos e pode ser considerada uma onda luminosa, uma produção de nosso cérebro, mas principalmente uma sensação visual produzida por vários elementos, como a luz, os objetos, a mensagem visual, o estímulo e percepção humanos.

Não há como dissociar cor e luz, pois, para que exista cor é necessária a existência da luz. De fato, as cores provenientes da natureza são resultado da refração da luz branca nas sete cores conhecidas do espectro solar. Assim, como apontam Farina, Perez e Bastos (2006, p. 61) "a cor existe, pois, em função do indivíduo que a percebe, e depende da existência da luz e do objeto que a reflete. Ela é a impressão que os raios de luz refletida produzem no órgão da visão e que geram sensações". Neste sentido, a cor influencia o ser humano em vários aspectos e pode apresentar polarizações de sentido que vão desde tristeza à alegria, ao tédio e à depressão, nos provocando sensações e impressões de variadas magnitudes. A variedade de ondas que pode penetrar no corpo físico também interfere exponencialmente o nosso centro nervoso, modificando nossas funções orgânicas e sensoriais, emocionais e afetivas (FARINA, PEREZ e BASTOS, 2006).

As representações que os indivíduos e a cultura fazem da cor são uma trama complexa que desafia muitos estudiosos da área. Os códigos culturais continuamente criados e recriados pelo homem permitem que visualizemos a cor a partir de sua dimensão histórica, linguística e comunicacional, buscando compreender este universo intrincado, que é o da dimensão simbólica das cores. Para Guimarães (2000) podemos aplicar e construir simbolismos com as cores, que podem se modificar ao longo do tempo, nunca permanecendo imutáveis. O repertório da cor apresenta uma natureza dinâmica que interfere nos significados e sentidos que damos às cores ao longo da história. Assim, a mídia, o público e a própria história da cor podem alterar e alimentar os significados correntes que as cores apresentam.

A dimensão cultural e as diversas estratégias de criação de sentido por meio das cores no design de interiores é o que nos interessa para a execução deste trabalho. Objetiva-se compreender a importância do trabalho com as cores na criação de ambientes, e como a correta utilização das mesmas pode proporcionar conforto e bem-estar às pessoas que do ambiente fazem uso.

A cor é uma das ferramentas mais eficazes na arquitetura e *design* de interiores. Graças à sua capacidade de transformar, pode aumentar espaços, alterar formas, destacar volumes e separar ou unir divisões. Pode ainda transmitir luz e calor aos cantos mais escuros, destacar ou disfarçar elementos da estrutura do prédio e realçar as formas do mobiliário (SERRATS, 2011, p. 7).

Dos elementos que constituem um ambiente as cores são um dos quesitos mais relevantes e as mesmas devem estar em total harmonia com os outros elementos, como a iluminação, o piso, o teto, as paredes, a disposição do mobiliário, os objetos decorativos, dentre outros. Todos esses elementos devem ser pensados e estudados conjuntamente, pois como se sabe, a cor pode criar espaços, movimentos, equilíbrios,

alterar o peso e o volume de objetos, aumentar ou diminuir a temperatura subjetiva de um ambiente, como também nossa percepção acerca do espaço que habitamos.

Portanto, as problemáticas que permeiam este trabalho pretendem responder às seguintes questões: como as cores podem despertar emoções, sensações e construir significados? De que forma se entrecruzam os significados psicológicos e culturais das cores? Como um ambiente projetado com um minucioso estudo da cor pode proporcionar conforto e bem-estar para as pessoas que o utilizam?

Na busca pela resposta a essas questões e com o intuito de construir um quadro teórico de referência para posteriores pesquisas, adotou-se a pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico. Segundo Gil (2002) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em trabalhos já publicados e que tenham passado por alguma revisão, como livros, artigos, teses etc. As fontes bibliográficas são extensas e podem ser classificadas principalmente em três: livros (de leitura corrente, como obras literárias e de divulgação; de leitura de referência informativa e de leitura de referência remissiva, como dicionários e enciclopédias, por exemplo), impressos em geral e publicações periódicas (como revistas informativas, revistas científicas e jornais, por exemplo) (GIL, 2002). A seleção das fontes de pesquisa para execução do trabalho se deu, majoritariamente, por livros de grande relevância na temática específica das cores, seus simbolismos e utilização no design de interiores. Os principais autores utilizados foram Farina, Perez e Bastos (2006), Guimarães (2000), Rousseau (1980) e Gurgel (2003).

## **1. O simbolismo das cores**

As cores possuem significados solidificados pela cultura e apresentam-se como um rico e interessante objeto de estudo para as mais diversas áreas do conhecimento. De um modo geral, tratar do simbolismo das cores requer um alargamento do olhar não apenas para o mundo social ou cultural, mas também para o mundo das manifestações físicas. Segundo Rousseau (1980) é impossível dissociar o "mundo moral" do mundo físico, pois os mesmos encontram-se entrelaçados e intrinsecamente unidos. As leis do mundo físico/natural podem ser traduzidas através de símbolos, pois existe um prolongamento, como cita Guimarães (2000) dos códigos primários, secundários e terciários<sup>1</sup>.

Segundo o estudo dos russos e dos estruturalistas do Círculo de Praga apresentado por Bystrina (1989 apud GUIMARÃES, 2006) a estrutura dos códigos culturais, isto é, dos códigos terciários é construída por meio de oposições e polaridades assimétricas. Assim, o estudo do código cromático pode ser feito por meio dessas binariedades que representam também os códigos primários e secundários. No entanto, não podemos esquecer que tal estrutura é dinâmica, já que a própria cultura apresenta um dinamismo intenso. Além disso, o repertório que cada sociedade infere na representação simbólica das cores pode variar.

Segundo Bystrina, a oposição vida-morte é a mais importante do início da cultura. A correspondência cromática da binariedade vida-morte está na oposição branco-preto. A morte, desde os primórdios, vinculada ao desconhecido e às trevas, é origem da simbologia ocidental do preto. O preto, além de ser a cor da morte e das trevas, é a cor do desconhecido e do que provoca medo. [...] Em oposição ao preto, o branco é a cor da vida e da paz. "Disse Deus: Haja luz; e houve luz. E viu Deus que a luz era boa;

---

<sup>1</sup> De acordo com Guimarães (2000), os códigos primários referem-se às leis e estruturas do mundo físico, os códigos secundários, aos do mundo químico, e os códigos terciários, aos da cultura e todas as formas de semiotização da vida.

e fez a separação entre luz e trevas (GUIMARÃES, 2006, p. 91 e 92).

Para Rousseau (1980), ao se realizar uma investigação acerca dos simbolismos das cores (que nada têm de arbitrário), um ponto crucial deve ser destacado: os antagonismos e as dualidades dos significados das cores, ao contrário do que se pensa não desequilibram ou colocam em conflito esses significados. É como se ocorresse uma permutação, ou, em outras palavras, “um equilíbrio entre forças antagônicas”, que resulta na dupla polaridade do mundo, no seu expirar e inspirar, na sua ação exotérmica e endotérmica.

O antagonismo de forças, do qual a química, a eletricidade, a própria vida com seus contrastes de reinos, de sexos, etc. fornecem inumeráveis exemplos, tem seus efeitos identificáveis no mundo das radiações luminosas. A luz invisível também não escapa a essa lei universal: os raios *infravermelhos* têm a propriedade de desfazer a luminescência provocada pelos raios *luminosos* ou *ultravioleta* em uma substância fosforescente. Do mesmo modo, uma irradiação *infravermelha* protege a pele contra o eritema ou “insolação” determinada pelas radiações *ultravioleta*. Ela neutraliza também a ação dos *raios X* e impede a formação de radiodermites (ROUSSEAU, 1980, p. 22).

O antagonismo de forças, como visto, impõe-se a inúmeros fenômenos naturais e humanos. Cada uma das cores apresenta polarizações de sentido. O verde, por exemplo, embora sendo a cor da água, dos rios, dos vegetais, da biosfera, do que é vivo, pode também remeter às cores dos répteis venenosos, dos vermes, da putrefação, como também das forças desconhecidas pelo homem. Segundo Rousseau (1980) na Idade Média, artistas pintavam os diabos com a cor verde e a esmeralda era considerada a cor de Satã; além disso, já se foi constatado que o verde das águas dos rios, dos lagos e dos mares pode despertar sentimentos suicidas sobre pessoas com problemas emocionais.

Neste sentido, as próprias cores complementares (contrastantes), isto é, aquelas que se encontram em lados opostos no círculo cromático, diante de suas diferenças, equilibram-se. Ao se estudar a cor na expressão artística, na composição de ambientes, na criação de produtos comunicacionais, entre outros, é possível observar que uma série de regras pode alterar a força expressiva manifestada pela cor. Para Farina, Perez e Bastos (2006), embora alguns artistas acreditem que o uso harmônico das cores seja regra – o que para os referidos autores demonstra uma falta de vivacidade – muitas vezes é o choque causado pelo uso de cores contrastantes que consegue transmitir a mensagem ao espectador, atraindo e causando-lhe uma forte tensão emocional.

Assim, embora o trabalho com cores que se harmonizem entre si (cores dispostas lado a lado no círculo cromático) seja considerado menos complexo e tenha grande utilidade prática, podemos afirmar que o uso de cores complementares, que é considerado mais complexo, revela uma maior criatividade de quem o produziu. Cores complementares têm a capacidade de dar força e equilíbrio a um trabalho e, como a própria natureza demonstra, impressiona nossa retina associando a vida aos dualismos de forças. Quando olhamos por muito tempo uma cor e depois fechamos os olhos teremos a impressão de ter visto uma cor diferente da primeira, que é a sua complementar. Este fenômeno, conhecido como “cores acidentais” é bastante elucidador para a compreensão do antagonismo de forças que se revela nos fenômenos naturais, cromáticos e simbólicos das cores.

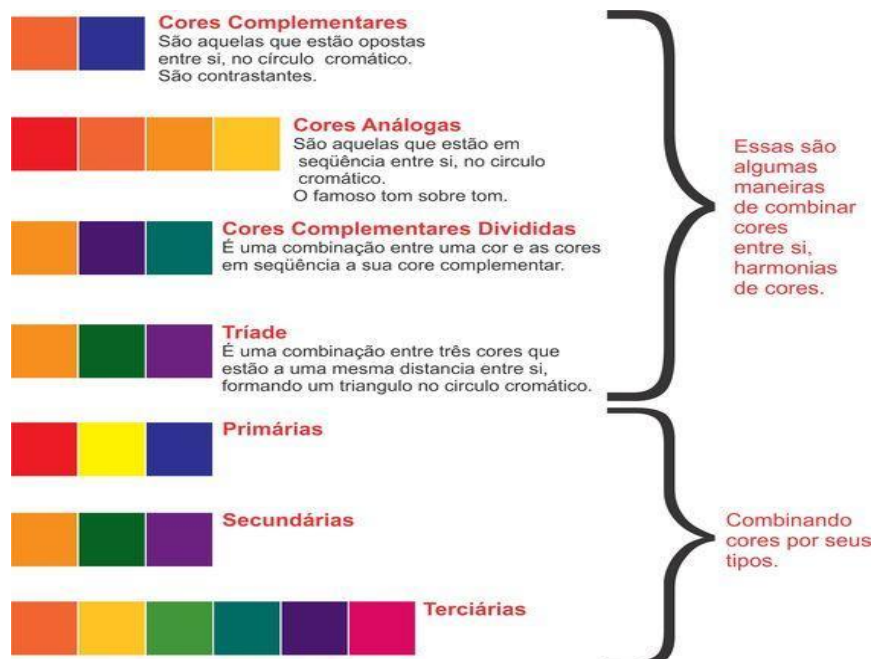
## 2. Os fenômenos de contraste

As cores apresentam características e são regidas por leis que determinam peso, movimento, espaço, formas e distâncias nos mais variados trabalhos. A natureza da cor é dinâmica e através de seu estudo é possível criar trabalhos criativos e complexos, capazes de provocar sensações diversas no espectador. Diante disso, duas regras básicas determinam a utilização da cor: a harmonia e o equilíbrio.

Harmonia e equilíbrio são dois elementos indissociáveis, pois é através da harmonia que se torna possível criar o equilíbrio cromático. A técnica de combinação de cores pode ser obtida com o uso de um instrumento: o círculo cromático<sup>2</sup> (também denominado roda de cores ou rosácea cromática). A criação de um todo uniforme e coerente faz com que todas as cores possam ser identificadas facilmente e este é um aspecto que sinaliza a harmonia. Assim, harmonia e equilíbrio caminham juntas. Para Guimarães (2006), as características que envolvem uma composição simétrica e equilibrada, isto é, harmônica é a existência de uma absoluta estabilidade e uma ausência de movimento. No entanto, é possível obter uma composição cromática simétrica e equilibrada na qual a harmonia possa se apresentar mais complexa, com uma variação maior de matiz, luminosidade e saturação.

Podemos afirmar que a harmonia é um sistema de regras coerente e lógico cujas partes componentes formam um todo uniforme e no qual todas as tensões obtidas nas relações e proporções da composição contribuem para o resultado pretendido: que todas as cores possam ser identificadas sem que o todo se desfaça (GUIMARÃES, 2006, p. 76).

Figura 1. Combinações de cores



Fonte: Farol Fashion (2013)

<sup>2</sup> Embora tendo como ferramenta principal o círculo cromático, no qual as cores primárias figuram-se pelo uso do vermelho, azul e amarelo, deve-se ter em conta que na moderna teoria das cores há as cores primárias das sínteses aditivas e subtrativas. A opção pelo uso destas cores primárias conduz os trabalhos a resultados diferentes.

Neste sentido, as representações de cor organizadas por mesclas contribuem para a compreensão das estruturas que formam o equilíbrio das cores. Esse equilíbrio pode ser obtido por meio de mesclas entre complementares ou pela presença de um elemento em comum na escala das cores que participam da combinação, podendo ser através da manipulação do matiz, da luminosidade ou da saturação. O uso de mesclas complementares pode produzir efeitos diversos dependendo da variação que se quer propor. Assim, de acordo com Guimarães (2006), a interação das cores pode ocorrer por meio de cores complementares e pela complementaridade da mescla de duas primárias com a justaposição à terceira primária.

No que se refere aos conceitos de matiz, luminosidade e saturação, as características das cores apresentam-se por meio desses três elementos. Tom ou matiz é o que se denomina pela palavra cor, isto é, trata-se de uma variação qualitativa da cor, estando diretamente ligada com os comprimentos de onda do espectro visível (LOSADA, 1960 apud FARINA, PEREZ e BASTOS, 2006). Luminosidade trata-se da reflexão da luz branca que cada cor pode apresentar, sendo dependente da iluminação de determinado local. Pode ser entendida também pelos termos brilho ou valor, sendo esta utilizada largamente por Albert Munsell. Por fim, o termo saturação refere-se ao fato de a cor permanecer dentro de seu comprimento de onda específico, não adicionado nem branco nem preto. Saturação também pode ser entendida pelo termo "croma" (FARINA, PEREZ e BASTOS, 2006).

Portanto, através do que foi trabalhado até aqui, é possível perceber que a cor está condicionada a uma série de regras e convenções que determinam se seu uso será satisfatório ou não, demonstrando a complexidade do estudo da cor para as mais diferentes áreas do conhecimento.

### **3. Esquemas de cores**

É impossível imaginar, nos dias atuais, a arquitetura de qualquer ambiente interno ou externo sem a presença da cor. As cores são capazes de trazer diferentes sensações e reações em nosso inconsciente, como também em nossos órgãos dos sentidos, afetando até mesmo nossos estímulos fisiológicos. Dependendo do uso ou objeto, uma mesma cor pode ser apresentada de forma diferenciada em diferentes materiais. A escolha sempre vai depender do resultado final que se pretende alcançar.

Para se chegar a uma solução final e útil para a utilização da cor em um projeto de interiores, deve-se utilizar o círculo cromático como forma de orientação, no qual se encontram as cores primárias, as secundárias e as terciárias (ou intermediárias), ou seja, as cores quentes e frias, com as suas diferentes estratégias de combinações para criar um ambiente harmonioso.

De acordo com Mancuso (2015), as cores primárias<sup>3</sup> são aquelas que a partir das três cores indecomponíveis, vermelho, azul e amarelo, todas as outras cores do espectro são produzidas, obtidas por misturas de diferentes proporções de cada cor. As cores secundárias são as cores formadas a partir da mistura de duas cores primárias. E as cores terciárias são aquelas formadas por uma cor secundária e qualquer uma das duas cores primárias que deram origem à secundária escolhida.

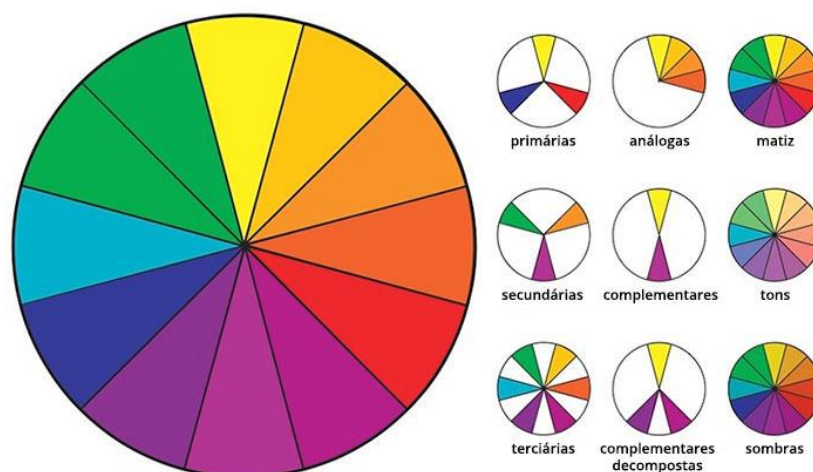
Segundo Hipólito (2012), as cores quentes são as cores predominadas pelo vermelho e o amarelo. Capazes de transmitir sensação de calor e dar a impressão de que os objetos

---

<sup>3</sup>Esta definição de cores primárias, anterior à moderna teoria das cores ainda é amplamente utilizada na arquitetura e design de interiores. No entanto, sabe-se que a definição de cores primárias vai depender das sínteses aditivas ou subtrativas, isto é, dos sistemas de cores aos quais determinado trabalho exigirá.

estão mais perto, avançam o olhar. E as cores frias são opostas às cores quentes, tendo como predominante, portanto, o azul e o verde. São capazes de transmitir a sensação de frescor e dar impressão de que os objetos estão mais longe, retrocedendo o olhar. No círculo cromático é possível encontrar as principais cores.

**Figura 2. Círculo cromático**



**Fonte: Limaonaagua (2014)**

A partir da cor amarelo seguindo à direita, temos, respectivamente, amarelo-ouro, laranja, abóbora, vermelho, púrpura, roxo, anil, azul, azul turquesa, verde e verde-limão. As cores quentes são: amarelo, amarelo-ouro, laranja, abóbora, vermelho e púrpura. As cores frias são: roxo, anil, azul, azul turquesa, verde e verde-limão.

Ao lado do círculo cromático estão algumas das combinações que podem ser feitas dentro de qualquer ambiente. Utilizando as cores de forma lógica (consciente), é possível descobrir misturas incríveis que podem transformar o design de um ambiente, deixando-o harmonioso e equilibrado.

Para que o ambiente possa ter um resultado harmonioso e uma utilização de cores sem medo e exagero, é necessário compreender, também, os esquemas ou escalas harmônicas das cores, que têm por objetivo ajudar a orientar a escolha das cores apropriadas para o ambiente, dependendo da quantidade de sol e luz que o mesmo recebe, suas dimensões, os materiais das superfícies e se há características arquitetônicas como pilares e vigas.

De acordo com Gurgel (2003), o esquema acromático é aquele em que se utiliza do branco, preto e cinza; o abuso de diferentes texturas é o que dará movimento ao ambiente. O esquema neutro apropria-se de cores que existem na natureza, como areia, algodão, terra, sisal etc., e as aplica com a finalidade de transmitir aconchego. Porém, ao utilizar apenas cores dos esquemas acromático e neutro deve-se tomar cuidado para que o ambiente não se torne frio e impessoal. Cabe, portanto, ao arquiteto ou designer de interiores, utilizar objetos de decoração com cores que vão trazer vida ao ambiente,

para que este não fique com ar de “sem graça” e monótono. O esquema monocromático utiliza apenas uma cor com as suas variadas tonalidades, incluindo composição com branco ou preto, geralmente deixando o ambiente muito harmonioso, e dependendo da cor utilizada, relaxante. O esquema triádico é aquele que utiliza três cores equidistantes da roda das cores, podendo ser as cores primárias, secundárias ou terciárias. O objetivo vai variar do resultado que se quer obter, podendo suavizar ou estimular um ambiente.

Ainda de acordo com Gurgel, o esquema análogo é a utilização de uma cor juntamente com as suas adjacentes, ou seja, ao escolher usar a cor verde, por exemplo, suas adjacentes serão o azul turquesa e o verde-limão. Este esquema é muito utilizado por possuir diversas opções e diferentes resultados e quando bem empregado, o ambiente fica em total harmonia. O esquema complementar utiliza cores que são opostas no círculo cromático. Possui composição equilibrada por sempre utilizar de uma cor fria e uma quente, pois elas se complementam. Um laranja vibrante é amenizado pelo azul relaxante. É um esquema que possui inúmeras possibilidades e o sucesso de um ambiente harmonioso vai depender da intensidade ou tonalidade das cores escolhidas.

#### **4. Aplicação das cores no Design de Interiores**

A escolha de uma cor ou de um esquema de cores para ser usada em determinado ambiente vai depender, de acordo com Gurgel (2003), principalmente da análise das atividades que ali serão realizadas e das pessoas que vão utilizá-lo. Quanto mais analisadas as diferentes opções, mais chances teremos de alcançar nosso objetivo e criar um ambiente adaptado às tarefas a que se destina e, mais ainda, às pessoas que vão utilizá-lo. É necessário conhecer as características físicas do espaço, como a quantidade de sol que o ambiente recebe, se já existe iluminação artificial, as dimensões, pilares ou vigas aparentes que precisam ser disfarçadas ou destacadas etc., definir, também, o caráter e atmosfera desejada, e se já existem texturas ou objetos pertencentes ao ambiente.

Em seguida, analisar detalhadamente as atividades que serão desenvolvidas e as pessoas que irão utilizar este ambiente, podendo ser trabalhado um *briefing* completo com as pessoas e outras perguntas que possam facilitar essa análise: “Qual o temperamento e a idade das pessoas que farão uso do ambiente? Qual o tipo de energia mental necessária nas atividades? Que estímulos podem e devem ser fornecidos?” (GURGEL, 2003, p. 262). Perguntas a respeito de quais estímulos ou sensações esperados por aquele espaço, quais os gostos e *hobbies* de cada pessoa, entre outras tantas perguntas simples, podem facilitar a escolha de uma cor-base.

Se mesmo após o *briefing* nenhuma cor ainda tiver sido escolhida, pode-se defini-la a partir de alguns pontos, tais como: a sensação ou atmosfera que pretende ser transmitida dentro desse ambiente; que esquema de cores pode alcançar esse objetivo; que cores se adaptam às características físicas do ambiente. Escolhendo-se uma cor, deve-se verificar se a sensação que ela causa é indicada para as atividades que ali serão realizadas. O próximo passo é escolher um esquema para essa cor, definir os tons que mais agradam e a atmosfera que vai ser obtida.

Wey (2007), presidente do Comitê Brasileiro de Cores, define que se há dúvidas de qual cor escolher, um meio é aprofundar as buscas através das sensações que as estações do ano podem causar: o verão é a satisfação, harmonia, energia, tranquilidade, marcado pelas cores com tons de palha, azuis claros e rosas. A primavera é o romantismo, a vibração, alegria e claridade, marcada pelas cores quentes, festivas e energizantes (vermelhos, amarelos e verdes). O outono representa a nostalgia, sabedoria, reflexão e acolhimento, marcado por cores atemporais e neutras. O inverno remete à melancolia,



sofisticação, energia e seriedade, marcado pelas cores contrastantes, como os cinzas, pretos, brancos e vermelhos.

Afirma Gurgel (2003) que as cores podem causar diferentes impressões em um ambiente podendo fazê-lo parecer maior ou menor, aproximar paredes, diminuir a sensação de cubo com diferentes tipos de pinturas. Corredores podem parecer mais largos ou mais encurtados, vigas e pilares podem desaparecer visualmente; cores fortes e vivas se relacionam com ambientes sociais barulhentos, podem dar sensação de movimento etc.

Aplicar cores em um ambiente não é um ato arbitrário ou meramente intuitivo. Requer um profundo entendimento acerca dos fenômenos do cromatismo, das estruturas culturais que simbolizam as cores, como também dos princípios que regem o trabalho do design de interiores, pois a escolha inadequada e sem um estudo minucioso pode prejudicar seriamente o resultado final, trazendo grande insatisfação aos usuários e transmitindo sensações desagradáveis e totalmente contrárias aos objetivos e atividades realizadas no ambiente.

## 5. Considerações finais

A partir das reflexões teóricas acima expostas, é possível observar a complexidade que se estabelece no uso da cor em um projeto de ambiente, além de sua relação com as mais variadas disciplinas científicas que tem a cor como um dos seus objetos de estudo.

Em qualquer trabalho que envolva um ambiente, seja ele interno ou externo é preciso que os profissionais possuam um conhecimento acerca das teorias das cores para que possam criar ambientes harmoniosos e que atendam às necessidades dos usuários. Como foi dito, não basta saber se uma cor irá combinar com outra ou que a mesma agrade o gosto do cliente, pois vários outros fatores vão interferir no resultado final de um projeto. Além do conhecimento prévio sobre as características físicas e fisiológicas das cores nos seres humanos, necessário se faz compreender seus aspectos psicológicos e culturais, seus processos de significação e como as cores se relacionam com as atividades que serão realizadas no ambiente.

Outro aspecto importante é o significado pessoal da cor para os usuários, pois como já apontava Wassily Kandinsky as cores também apresentam capacidades sinestésicas e tal fator afeta o modo como as pessoas percebem e se relacionam com a cor, provocando os mais diversos tipos de sensações. Isso quer dizer que as cores nos fazem rememorar experiências passadas, da mesma forma como o faz um cheiro, por exemplo, alterando, recriando e recuperando realidades.

Por fim, espera-se que este trabalho possa contribuir de alguma forma para a compreensão da necessidade do estudo da cor na criação de ambientes, tendo sempre em vista todos os outros componentes que fazem parte de um projeto, mas levando em conta, acima de tudo as pessoas que fazem uso do mesmo, pois são elas a razão pela qual um trabalho é criado.

## Referências

- FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em Comunicação**. 5 ed. rev. e ampl. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.
- GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Annablume, 2000.
- GURGEL, Miriam. **Projetando Espaços: Guia de Arquitetura de Interiores para áreas residenciais**. São Paulo: Senac São Paulo, 2003.

\_\_\_\_\_. **Organizando Espaços:** Guia de decoração e reforma de residências. 2. Ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2009.

HIPÓLITO, Elaine. **Pequeno livro de Decoração:** Guia para toda hora. Campinas: Verus, 2012.

MANCUSO, Clarice. **Arquitetura de Interiores e Decoração:** a arte de viver bem. 9. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PEDROSA, Israel. **O universo da cor.** Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2008.

ROUSSEAU, René-Lucien. **A linguagem das cores.** Energia, simbolismo, vibrações e ciclos das estruturas coloridas. Trad.: J. Constantino K. Riemma. São Paulo: Pensamento, 1980.

WEY, Elizabeth. **A casa de todos os tempos** – Volume I Cozinha. São Paulo: Ofício das Palavras, 2007.